

POETICÊNCIAS V

Elissandro dos Santos Santana*

Um estranho sumiço**

Depois de subir as escadas, Juan não soube o que fazer. Não sabia se gritava ou chorava. Seu gatinho havia sumido subitamente. As quatro janelas estavam abertas e o vento entrava no quarto com uma velocidade aterradora. “Faustinho, Faustinho, onde você está?”. Juan chamou seu animalzinho por uns trinta minutos, mas ele não voltou.

O menino não conseguiu deitar aquela noite. Em algum lugar, seu gatinho de gravatinha branquinha estaria com problemas. A família já não sabia o que fazer, pois já havia feito quase de tudo. Todos buscaram por Fausto por tudo que foi lugar.

Fausto tinha o costume de ficar defronte ao espelho que havia no quarto admirando-se. O menino passava quase todo o dia estudando e o espelho foi um presente para que ele não se sentisse tão solitário.

Na noite do desaparecimento, o espelho balançava na parede e Juan até chegou a pensar que fosse pelo vento, pois as janelas estavam abertas. Não havia outra explicação. A tristeza

Una rara desaparición

Tras subir la escalera, Juan no supo qué hacer. No sabía si gritar o llorar. Su gatito había desaparecido súbitamente. Las cuatro ventanas estaban abiertas y el viento entraba en el cuarto con una velocidad aterradora. “¿Faustito, Faustito, dónde estás?”. Juan llamó a su animalito alrededor de unos treinta minutos, pero él no regresó.

El muchacho no consiguió acostarse aquella noche. En algún lugar, su gatito de corbatita blanquita estaría en apuros. Todos los Sosa ya no sabían qué hacer. Ya habían hecho de todo. A Fausto lo buscaron por donde fuera posible e imposible.

Fausto tenía la costumbre de quedarse frente al espejo que había en el cuarto mirándose. El chico pasaba casi todo el día estudiando y el espejo fue un regalo para que Fausto no se sintiera tan solo.

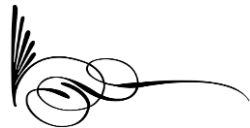
En la noche de la desaparición de Fausto, el espejo se balanceaba en la pared y Juan hasta llegó a pensar que era por el viento, pues las ventanas estaban abiertas. No había otra

* Licenciado em Letras - Língua Estrangeira Moderna (Espanhol), com habilitação em língua e literatura, pela Universidade Federal da Bahia; especialista em Metodologia do Ensino de Língua Espanhola, pela Faculdade de Tecnologia e Ciência de Salvador; e especialista em Linguística e Ensino de Línguas, pelo Centro Universitário UNISEB; pós-graduando em MBA em Gestão Ambiental e em Libras e Educação para Surdos, pela Universidade Norte do Paraná; pós-graduando em Sustentabilidade, Desenvolvimento e Gestão de Projetos Sociais, e graduando em Gestão Ambiental, pelo Centro Universitário UNISEB.

E-mail: lissandrosantana@hotmail.com.

** Tradução do conto “Una rara desaparición”, premiado na categoria *Universidad*, no Concurso Literário *Mi cuento favorito*, pelo *Centro de Recursos Didácticos de Salvador de Bahía*, em parceria com a *Consejería de Educación y Embajada de España en Brasil*, em 2009. A versão original está na coluna à direita.





tomou conta da casa, da família e, dia após dia, tudo ficava ainda mais triste. Talvez Fausto não voltasse nunca mais; estes eram os pensamentos que passavam pela cabeça do menino. “Por Deus! Que farei sem meu amiguinho?” dizia.

Enquanto os longos dias passavam ainda mais devagar e o sol surgia no horizonte do outro dia que seria ainda mais longo, Juan sentia saudades do negrinho e seus miados. A verdade é que Fausto fazia parte da família. Tinha que haver uma explicação para aquilo. O negrinho não ia desaparecer assim do nada. Alguém o havia roubado. Era o que pensava Juan.

Depois do ocorrido, Juan não foi mais à escola. Ele era um menino bem dedicado, porém, desde o dia em que Fausto desapareceu, ele já não tinha vontade de fazer mais nada. O garoto entrou em um estado de depressão. O desgosto tinha um lugar garantido em sua alma e em seu coração. É que às vezes alma e coração se confundem.

Os professores do menino estavam demasiado preocupados e um dia pela tarde foram à casa dos Sosa, pois queriam uma explicação para a ausência do menino às aulas. A mãe de Juan, Dona Esperança, explicou-lhes toda a situação e ao voltarem à escola falaram com os colegas de Juan e lhes pediram para que todos fizessem uma equipe de busca. Precisavam ajudar Juan. Saíram durante vários dias do mês de outubro pelos lugares mais insuspeitos da cidade atrás de Faustinho, porém não tiveram sucesso. Em nenhuma parte havia sinal do negrinho. Ninguém o havia visto, porém, Juan não perdia as esperanças e tinha certeza que encontraria seu negrinho.

O bom é que ainda há gente como Juan no mundo. Gente que não desiste tão facilmente.

explicación. La tristeza tomó cuenta de la casa, de la familia y día tras día todo se ponía aún más triste. Tal vez Fausto no volviese nunca más. Estos eran los pensamientos que pasaban por la cabeza del niño. “¡Por Dios! ¿Qué haré sin mi amiguito?” decía.

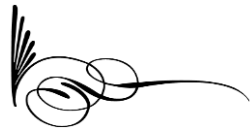
Mientras los largos días pasaban despacito y el sol se asomaba en el horizonte del otro día que sería aún más largo, Juan extrañaba al negrito y sus maullidos. La verdad es que Fausto formaba parte de la familia. Tenía que haber una explicación para aquel suceso. El negrito no iba a desaparecer así de repente. Alguien lo había robado. Era lo que solía pensar Juan.

Después de lo sucedido, Juan no fue más a la escuela. Él era un niño muy dedicado, pero, desde el día en que Fausto desapareció, él ya no tenía ganas de hacer nada más. El muchacho entró en un estado tétrico. La desazón tenía un sitio garantizado en su alma y su corazón. Es que a veces alma y corazón se confunden.

Los maestros del niño estaban demasiado preocupados y un día por la tarde fueron a la casa de los Sosa. Querían una explicación para la inasistencia del chico a las clases. La madre del niño, Doña Esperanza, les explicó a los dos maestros toda la situación. Al regresar a la escuela hablaron con los compañeros de Juan y les convocaron a que hicieran un equipo de búsqueda. Tenían que ayudar a Juan. Salieron durante varios días del mes de octubre por los rincones más insospechados de la ciudad tras Faustito, pero no tuvieron éxito. En ninguna parte había señal del negrito. Nadie lo había visto. Pero Juan no perdía las esperanzas. Tenía certeza de que iba a encontrar a su negrito.

Lo bueno es que todavía hay gente como Juan en el mundo. Gente que no desiste tan





Geralmente, as pessoas pobres de espírito desistem nem bem aparecem as primeiras dificuldades pelos caminhos da vida.

Com Juan tudo era possível. A fé era sua companheira de sempre. Sabia que Faustinho estava em algum lugar a salvo. Estava triste, porém jamais perdia a fé em Deus, no céu, nos animais, nos homens, nos livros... Juan era do tipo que não acreditava em nada e em tudo ao mesmo tempo. Os jovens têm essa capacidade de ter esperança, de acreditar na vida, de não perder os sonhos, de lutar...

A caixinha com o travesseirinho vermelho defronte ao espelho ao pé da cama de Juan seguia vazia. Quase duas semanas se passaram e, pelas noites, antes de dormir, o garoto pensava escutar os miados do gatinho e ficava triste, demasiado triste. A angústia fazia com que Juan se desesperasse ao ponto de ouvir o que não havia.

Na família, a opinião era a de que o negrinho já não estava vivo ou alguém o havia levado e, todas as vezes que qualquer familiar tentava dizer alguma coisa, Juan ficava nervoso e começava a chorar. Ele não podia imaginar-se sem o negrinho. A vida não seria a mesma. Tinha que encontrar Fausto.

Na terceira semana do desaparecimento, Juan, deitado na cama, olhava o espelho e, por um momento, pensou que Fausto miava do outro lado do vidro. O garoto, desde criança, escutava contos de fadas, nos quais o espelho era uma ponte entre dois mundos. Talvez Fausto houvesse encontrado outro mundo além do espelho. Enquanto fazia essas viagens pelo mundo do sonho, ficava ainda mais preocupado. “E se o negrinho não conseguisse voltar pelo espelho?”, pensou um instante.

fácilmente. Generalmente, las personas pobres de espíritu desisten ni bien aparecen las primeras dificultades por los senderos de la vida.

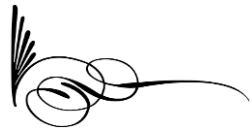
Con Juan todo era posible. La fe era su compañera de siempre. Sabía que Faustito estaba en algún lugar a salvo. Estaba triste, pero jamás perdía la fe en Dios, en el cielo, en los animales, en los hombres, en los libros. Juan era del tipo que creía en nada y en todo al mismo tiempo. Los jóvenes tienen esta capacidad de tener esperanza, de creer en la vida, de no perder los sueños, de luchar...

La cajita con la almohadita roja frente al espejo al pie de la cama de Juan seguía vacía. Casi dos semanas habían pasado y, por las noches, antes de dormirse, el muchacho creía escuchar los maullidos del gatito y se ponía triste, demasiado triste. La angustia hacía que Juan se desesperara al punto de oír lo que no había.

En la familia, la opinión era la de que el negrito ya no estaba vivo o alguien se lo había llevado y, todas las veces que intentaban decir algo, Juan se ponía nervioso y empezaba a llorar. Él no podía imaginarse sin el negrito. La vida no sería la misma. Tenía que encontrar a Fausto.

En la tercera semana del desaparecimiento, Juan, acostado en la cama, miraba al espejo y, por un momento, pensó que Fausto maullaba desde el otro lado del vidrio. El muchacho de pequeño escuchaba cuentos de hadas donde el espejo era un puente entre dos mundos. Tal vez Fausto hubiese encontrado otro mundo más allá del nuestro, más allá del espejo. Mientras hacía estos viajes por el mundo del sueño se quedaba aún más preocupado. “¿Y si el negrito no consiguiera volver por el espejo?”, pensó





“Não, não, isso é uma loucura. Meu gatinho não ia passar pelo espelho. Ninguém passaria”. Realmente, Juan parecia crer em qualquer coisa. Só não podia desanimar-se. Tinha que acreditar em algo. Sua fé o mantinha vivo, com vontade de lutar, de encontrar o gato.

Há semanas os ratos faziam a festa pelos corredores da casa. Na cozinha, todas as noites, eles aproveitavam que não havia nenhum policial felino observando-lhes. Na verdade, Fausto não gostava de comê-los, porém sempre os observava. Não deixaria jamais que seus inimigos naturais se apoderassem da casa. Aquele era seu lugar. Ninguém tinha o direito de lhe roubar terreno.

Fausto nunca matou a nenhum deles, porém sempre tentava persegui-los. Por isso, os ratos sempre tinham cuidado ao sair dos seus esconderijos. Porém, agora, tudo era diferente. Fausto havia abandonado o posto. Já não havia ninguém para persegui-los. Estavam livres e a verdade é que não sentiam saudade do monstro como costumavam dizer entre eles. “Olha, vamos embora; ali vem o monstro. Vai comer-nos”. Todos fugiam do negrinho.

Enquanto os ratos faziam festa, Juan seguia triste. Assim é a vida, a tristeza de um pode ser a alegria do outro. Era 22 de outubro e Fausto havia desaparecido há mais de três semanas e o menino já não acreditava que o negro voltaria.

Dona Esperança tentava consolar o filho, cantando-lhe sua canção favorita. “Duerme, duerme negrito, que tu mama está en el campo negrito. Duerme, duerme... Te va a traer codornices para ti..., y si el negro no se duerme viene el diablo blanco y... Trabajando... pal negrito chiquitito, pal negrito sí, trabajando

durante un rato. “No, no, eso es una locura. Mi gatito no iba a pasar por el espejo. Nadie lo pasaría”. Realmente, Juan parecía creer en todo. Sólo que no podía desanimarse. Tenía que creer en algo. Su fe lo mantenía vivo, con ganas de luchar, de encontrar al gato.

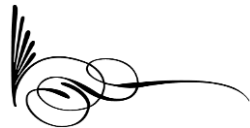
Hacia tres semanas que los ratones hacían fiesta paseando por los pasillos de la casa. En la cocina, todas las noches, ellos aprovechaban que no había ninguna policía felina observándolos. En verdad, a Fausto no le apetecía comérselos, pero se ponía siempre a observarlos. No iba a dejar jamás que sus enemigos naturales se apoderaran de la casa. Aquel sitio era suyo. Nadie tenía el derecho de robarle el territorio.

Fausto nunca mató a ninguno de ellos, pero siempre intentaba perseguirlos. Por eso, los ratones siempre tenían cuidado al salir de sus escondrijos. Pero, ahora, todo era diferente. Fausto había abandonado el puesto. Ya no había nadie para perseguirlos. Estaban libres y la verdad es que no echaban de menos al monstruo como solían decir entre ellos. “Mirá, vámonos, allá viene el monstruo. Va a comer-nos”. Todos huían del negrito.

Mientras los ratones hacían fiesta, Juan seguía triste. Y así es, la tristeza de uno puede ser la alegría del otro. Era el veintidós de octubre y Fausto había desaparecido hacía más de tres semanas y el niño ya no creía que el negro volvería.

Doña esperanza intentaba consolar al hijo, cantándole su canción preferida. “Duerme, duerme negrito, que tu mamá está en el campo negrito. Duerme, duerme... Te va a traer codornices para ti..., y si el negro no se duerme viene el diablo blanco y... Trabajando... pal negrito chiquitito, pal negrito sí, trabajando





“...” costumava cantar assim. Somente depois da música de ninar Juan conseguia dormir. Já havia completado naquela época os oito anos, porém seguia encantado com esta canção.

No mundo dos sonhos tudo era diferente. Fausto passeava e corria pela casa, pelo jardim, perseguia os ratos, brigava com os passarinhos desde a janela do quarto que era mais seu que de Juan. Das árvores, os pardais e pombas insultavam-lhe com seus cantos de felicidade. Tinha vontade de comê-los, porém nunca conseguia. Às cinco da manhã, o sono ia embora e Juan tentava sonhar de novo. Era um pesadelo acordar. Não, não queria isso. No sonho seu negrinho não havia sumido; estava bem, corria pelo jardim que já não estava tão florido.

Na tarde de 23 de outubro, caminhando pelo jardim, as flores cheiravam a mel e isso fez com que Juan se recordasse do dia em que encontrou o negrinho numa caixa em uma esquina, quando foi fazer compras na cidade. Ao sair de uma livraria (Porque Juan gostava muito de ler, pois seus pais lhes fizeram perceber a importância da leitura desde pequeno) encontrou a caixa com três gatinhos, porém dois deles já estavam mortos. Somente Fausto estava vivo e olhava para Juan parecendo menino pidão. Fausto havia conquistado o menino com seu olhar. Os gatos têm esse poder de conquistar a todos, ou, pelo menos, quase todos.

Foi somente uma lembrança. Não se esquecia do gatinho de nenhuma forma. “Por Deus! Onde estará meu Faustinho? Já não suporto mais!” gritou Juan. Naquele momento um vento soprou vindo do sul e Dona Esperança escutou, de longe, o desespero do filho. Ela já não suportava a tristeza do menino. Não sabia mais o que fazer. Não suportaria se algo acontecesse

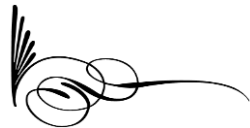
“...” solía cantar así. Sólo después de la canción de cuna Juan conseguía dormirse. Ya había cumplido en aquella época los ocho años, pero seguía encantado con esta canción.

En el mundo de los sueños todo era distinto. Fausto paseaba y corría por la casa, por el jardín, perseguía los ratones, peleaba con los pajaritos desde la ventana del cuarto que era más suyo que de Juan. Desde los árboles, los gorriones y palomas parecían insultarle con sus sonidos de felicidad. Tenía ganas de comerlos, pero nunca tenía éxito. A las cinco de la mañana el sueño cesaba y Juan intentaba soñar de nuevo. Era una pesadilla despertarse. No, no quería eso. En el sueño su negrito no había desaparecido. Estaba bien, corría por el jardín que ya no estaba tan florido.

En la tarde del veintitrés de octubre, caminando por el jardín, las flores olían a miel y eso hizo que Juan recordara el día en que encontró al negrito en una caja en una esquina cuando fue de compras a la ciudad. Tras salir de una librería (porque a Juan le gustaba muchísimo leer, pues sus padres le hicieron percibir la importancia de la lectura desde chiquitito) encontró la caja con tres gatitos, pero dos de ellos ya estaban muertos. Solamente Fausto seguía vivo y miraba a Juan con ojos de niño llorón. Fausto había cautivado al niño con su mirada. Los gatos tienen este poder de cautivar a todos o, por lo menos, a casi todos.

Fue sólo un recuerdo. No se olvidaba del gatito de ninguna manera “¡Por Dios! ¿Dónde estará mi Faustito? ¡Ya no aguanto más!” gritó Juan. En aquel momento un viento sopló desde el sur y Doña Esperanza escuchó desde lejos la desesperación del hijo. Ésta ya no aguantaba más la tristeza del chico. No sabía más qué hacer. No se aguantaría si algo le ocurriera al





ao filho. O negrinho tinha que voltar. “Que aconteceu com o negrinho?”, dizia ela.

Juan voltou do jardim, pegou o livro do gato de botas e voltou a lê-lo pela quinta vez. Ele gostava da inteligência daquele gatinho. Depois de ler a oitava página, pensou: “talvez, Fausto tenha essa inteligência e volte para nós, para sua casa”. O menino não deixava de sonhar com seu negrinho, não podia. Terminou a leitura e foi para a cama. Queria dormir um pouco. Talvez visse Fausto no mundo dos sonhos e encantamentos. Melhor dormir, pois, talvez, no sonho, Fausto lhe contaria onde estava e o que lhe havia acontecido. Enquanto tentava dormir, sua mãezinha chamou-lhe “Juan, venha almoçar”.

Ao sair do quarto, o menino não se deu conta de que havia deixado todas as janelas abertas. Desceu pela escada e foi comer, ainda que não tivesse fome. No entanto, sabia que tinha que comer e recuperar as forças. Não podia desvanecer-se, desistir. Não era um covarde e jamais o seria. A situação exigia que fosse forte, que mantivesse o desejo por seguir vivo. Fausto não ficaria feliz se soubesse que seu dono era um covarde.

Pegou um prato e o encheu com alface e batata. Enquanto tentava comer algo, um barulho estranho soou pela casa. Toda a família foi ao quarto de Juan e, ali, deram com o espelho no chão. Quebrou-se. “Filho, foi o vento. Por que você deixou as janelas abertas?” “Papai, perdoe-me. É que Fausto gostava de ficar nelas olhando os pássaros do jardim”. Dona Esperança, depois de ouvir a explicação do filho, tratou de recolher os pedaços de vidro. O incrível é que o espelho era grande e pesado. Como o vento o teria desprendido da parede? Mistério. Cinco minutos depois do ocorrido, todos escutaram miados e foram em busca de Fausto. O miado

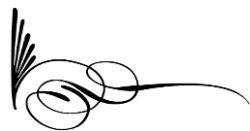
hijo. El negrito tenía que volver. “¿Qué le pasó al negrito? ¡Por Dios!” decía ella.

Juan regresó del jardín, cogió el libro del gato con botas y volvió a leerlo por quinta vez. A él le gustaba la inteligencia de aquel gatito. Tras leer la octava página pensó “tal vez Fausto tenga esta inteligencia y vuelva a nosotros, a su casa”. El chico no dejaba de soñar con su negrito, no podría. Terminó la lectura y se fue a la cama. Queria dormir un poco. Tal vez viese a Fausto en el mundo de los sueños y ensueños. Mejor dormirse, tal vez en el sueño Fausto le contaría donde estaba y qué le había pasado. Mientras intentaba dormir, su madrecita le llamó “Juan, al almuerzo”.

Al salir del cuarto, el niño no se dio cuenta de que había dejado las cuatro ventanas abiertas. Bajó por la escalera y se fue a comer, aunque no tuviese hambre. Sin embargo, sabía que tenía que comer, recuperar las fuerzas. No podría desvanecerse, desistir. No era un cobarde y jamás iba a serlo. La situación exigía que fuese fuerte, que mantuviese las ganas por la vida. Fausto no iba a quedarse feliz si supiese que su dueño era un cobarde.

Cogió un plato y lo llenó de lechuga y papas. Mientras intentaba comer algo, un ruido extraño sonó por toda la casa. Los Sosa se fueron al cuarto de Juan y, allí, dieron con el espejo en el suelo. Se había roto. “Hijo, fue el viento. ¿Por qué vos dejaste las ventanas abiertas?” “Papá, discúlpame. Es que a Fausto le gustaba quedarse en ellas ahí mirando a los pájaros del jardín”. Doña Esperanza, tras oír la explicación del hijo, trató de coger los trozos de vidrio. Lo increíble es que el espejo era grande y pesado. ¿Cómo el viento lo había descolgado de la pared? Cinco minutos después del suceso, todos escucharon unos maullidos y salieron en





era bem parecido com o do negrinho.

Ali no jardim, sobre a grama, embaixo das árvores, estava Fausto e, como no sonho de Juan, olhava o pássaro pousado na árvore de folhas amarelas. Nesse momento, as lágrimas encheram os olhos de todos. O garoto somente dizia “meu Faustinho, meu negrinho”. Agora voltaria à escola, seria feliz. A alegria voltou à casa dos Sosa.

busca de Fausto. El maullido era muy parecido al del negrito.

Allí en el jardín sobre el césped y bajo los árboles estaba Fausto, como en el sueño de Juan, miraba al pájaro trepado en el árbol de hojas amarillas. Las lágrimas llenaron los ojos de todos. El muchacho sólo decía “mi Faustito, mi negrito”. Ahora volvería a la escuela, a ser feliz. La alegría volvió a la casa de los Sosa.

